

CORREIO NO MUNDO



Na última semana, Trump deu um “ultimato” ao Irã

Contra Donald Trump, Irã diz que não aceita “ultimatos”

Após Donald Trump ameaçar o Irã com uma ação militar caso um acordo sobre o programa nuclear de Teerã não fosse feito, o país do Oriente Médio afirmou que “nunca aceita ultimatos”. O Irã disse agir com honestidade e seriedade em processos diplomáticos, mas não acata ultimatos. A declaração foi dada pelo porta-voz do Ministério das Relações Exteriores, Esmaeil Baqaei, durante uma coletiva de imprensa nesta segunda-feira (2). Autoridades iranianas também não confirmaram se o líder americano apresentou um prazo para a negociação. Questionado se o Irã havia recebido uma data específica dos Estados Unidos, Baqaei disse que isso não poderia ser confirmado, justamente por não aceitarem ameaças.

Tempo “está se esgotando”

Na semana passada, Trump havia dito que o tempo do país iraniano estava se esgotando. Sem apresentar publicamente um prazo, ele anunciou ainda que uma “armada maciça” estava indo em direção ao país, disposta e capaz de cumprir rapidamente sua missão se necessário. Ele exigiu que o Irã fizesse um acordo rapidamente sobre seu programa nuclear se pretendia evitar um ataque. O republicano disse que no ano passado também alertou o país sobre um ataque.

Khamenei.ir/ Wikimedia Commons



Aiatolá Ali Khamenei rechaçou os blefes públicos de Trump

Ministro está confiante em acordo

“O próximo ataque será muito pior! Não façam isso acontecer novamente”, acrescentou. Apesar disso, o ministro das Relações Exteriores do Irã disse que estava confiante de que poderiam chegar a um acordo. À CNN neste domingo (1), Abbas Araghchi falou, no entanto, que havia perdido a confiança nos EUA como um parceiro de negociação. Segundo ele, a troca de mensagens estava sendo feita por países amigos. Donald Trump também declarou neste domingo (1) ver chances de acordos com Irã.

EUA esperam pelo acordo, diz Trump

Questionado sobre a advertência do aiatolá Ali Khamenei de que um ataque desencadearia uma guerra regional, Trump respondeu aos jornalistas: “É claro que ele vai dizer isso. Esperamos chegar a um acordo. Se não conseguirmos, então descobriremos se ele tinha razão ou não.” Os EUA travam um embate há meses com o Irã devido a divergências sobre o programa nuclear de Teerã.

Sem interesse

A Rússia disse que alegações de Donald Trump, de que estaria interessada em invadir a Groenlândia são falsas. Para o país, suposta ameaça russa ou chinesa sobre a Groenlândia são “histórias falsas de terror”. As declarações foram dadas nesta segunda (2) por Dmitri Medvedev, um alto funcionário de segurança do Kremlin.

Kremlin nega

Até o momento, o Kremlin não havia se pronunciado sobre as acusações do líder americano. Medvedev disse ainda que essa narrativa estava sendo inventada por líderes ocidentais para “justificar seu próprio comportamento”. Trump tem justificado querer anexar a ilha para impedir que o mesmo seja feito pela China e pela Rússia.

Influência militar

O porta-voz da Otan, Alison Hart, também afirmou que o objetivo da negociação era garantir que as duas nações nunca ganhassem influência ou militar sobre o território. Trump diz já ter definido com a organização a estrutura de um futuro acordo referente à Groenlândia. Ele não detalhou, porém, como seria esse acordo.

Acordo comercial

O presidente dos EUA, Donald Trump, anunciou nesta segunda (2) que chegou a um acordo comercial com a Índia, que concordou em parar de comprar petróleo russo e comprar muito mais dos Estados Unidos e, potencialmente, da Venezuela. Um ponto fundamental no plano de Trump para se aproximar dos maiores consumidores do planeta.

Tarifa reduzida

“Por amizade e respeito ao primeiro-ministro Modi e, conforme seu pedido, com efeito imediato, concordamos com um acordo comercial entre os Estados Unidos e a Índia, pelo qual os Estados Unidos cobrarão uma tarifa recíproca reduzida, diminuindo-a de 25% para 18%”, postou Trump no Truth Social.

Mercado de bilhões

De acordo com o republicano, o primeiro-ministro indiano, Narendra Modi, também se comprometeu a comprar mais de US\$ 500 bilhões em produtos de energia, tecnologia, agrícolas e outros dos Estados Unidos, que terão à disposição um mercado com praticamente 1.5 bilhão de consumidores.



Reabertura da passagem de Rafah teve diferentes reações

Sentimentos mistos na reabertura de Rafah

Palestinos receberam reabertura de Rafah com sentimentos mistos

Palestinos na Faixa de Gaza receberam a reabertura da passagem de Rafah, a única via de entrada e saída do território sem ser por Israel, com sentimentos mistos de esperança e indignação, na segunda (2). O posto de controle foi reaberto para entrada e saída apenas para palestinos a pé. Todos ainda precisam passar por controle e autorização de israelenses e egípcios.

Segundo a agência Reuters, citando duas fontes do território, a princípio a permissão será para apenas 50 palestinos entrando e 50 saindo de Gaza por dia. Já de acordo com a AFP, citando autoridades egípcias, serão 150 autorizados a sair e 50 a entrar diariamente. “Esperávamos que a passagem de Rafah seria aberta e facilitada para pacientes necessitando de tratamento no Egito. Um paciente vai ao Egito receber tratamento, não passar por revistas e escutar ‘você volta’, ‘você fica’, ‘você não pode’. Isso é totalmente inaceitável”, disse Salim Ayad à Reuters.

Cerca de 20 mil pacientes palestinos esperam tratamento médico urgente que não conseguem obter na Faixa de Gaza, segundo médicos do território. Estima-se que cerca de 100 mil palestinos deixaram Gaza nas primeiras semanas da guerra. Muitos deles buscam voltar para reencontrarem os familiares que ficaram, mas isso significa encontrar também suas casas e bens destruídos no território, arrasado pela guerra e os bombardeios israelenses.

“A abertura de Rafah também é boa notícia para nós porque não há

tratamento para crianças aqui, nada está disponível no hospital. Não há equipamentos, medicamentos, nada”, disse Iman Hamdouna, mãe de uma criança de 2 anos, à Reuters.

Ao mesmo tempo que reabriu Rafah, no entanto, Israel anunciou que a organização Médicos Sem Fronteiras deverá interromper suas atividades em Gaza por ter se recusado a fornecer uma lista de seus funcionários palestinos - algo “aplicável a todas as instituições humanitárias que operam na região”, segundo o Ministério da Diáspora israelense, responsável pelo registro das ONGs. A reabertura é um dos principais passos da segunda etapa do plano de paz proposto pelos EUA e países muçulmanos da região, cuja primeira etapa começou com o cessar-fogo de outubro do ano passado e foi finalizada com o retorno do corpo de Ran Gvili, o último refém que restava em Gaza.

“Estamos felizes com a reabertura da passagem, e se Deus quiser, ela vai abrir mais para que tudo de que tivemos falta durante a guerra possa entrar. Precisamos de combustível, comida, farinha, seringas, tudo. Tendas, lençóis, colchões”, disse à Reuters Asmahan abdel Atti.

À AFP, o chefe do comitê palestino de gestão de Gaza que deve administrar o território sob supervisão do comitê de Donald Trump, a reabertura de Rafah é uma “janela de esperança” para a região.

Egito e Jordânia condenaram o que chamaram de “tentativa de deslocar palestinos do território”.